

Mircea Eliade

O SAGRADO E O PROFANO

A Essência das religiões - ("Le sacré et le profane",
1957) Livraria Martins Fontes Ed. Ltda., 1ª Ed.,
Março / 1992

Resenhado por Marly Goulart*

* Psicanalista,
Membro do
Departamento
Formação em
Psicanálise.

O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades "naturais". A primeira definição que se pode dar do termo sagrado é que ele se opõe ao profano.

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta. Para indicar esta *revelação*. Eliade propõe o termo *hierofania*. O homem ocidental moderno experimenta um certo mal-estar diante dessas manifestações; é difícil para ele aceitar que para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou árvores. Mas a pedra sagrada não é adorada como pedra e sim porque é uma hierofania; porque revela algo - o sagrado.

Toda hierofania constitui um paradoxo. Manifestando o sagrado, um objeto torna-se *outra coisa* e contudo continua a ser *ele mesmo*; continua a participar do meio cósmico envolvente. Para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. Portanto o Cosmos, em sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania.

O homem das sociedades arcaicas tem a tendência para viver o mais possível no sagrado; pois o sagrado equivale ao poder e em última análise à realidade por excelência. Mesmo atos fisiológicos como a alimentação e a sexualidade são ou podem tornar-se uma comunhão com o sagrado.

O sagrado e o profano têm constituído duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da história.

Eliade pesquisa como essas modalidades de existir estiveram e estão presentes nas concepções de espaço e tempo que têm permeado a existência humana.

Para o homem religioso, há um **espaço** sagrado e por consequência "forte", significativo e há outros espaços sem estrutura nem consistência, em suma amorfos. Toda a decisão existencial de se situar no espaço constitui para ele uma decisão religiosa - ele tem o desejo de viver um Cosmos puro e santo, tal como era no começo, quando saiu das mãos do Criador. Assumindo a responsabilidade de "criar" o mundo que decidiu habitar, o homem religioso cosmiza o Caos e santifica-o, tornando-o uma rotura na homogeneidade do espaço. Essa rotura é simbolizada por uma abertura para o transcendente (pela qual se torna possível a passagem para o Céu) e para o mundo inferior (povoado de espectros e demônios, que podem ameaçar o Cosmos).

Para o homem moderno, o espaço perdeu sua relação estreita com o sagrado. Mas na experiência do homem moderno existem ainda locais privilegiados como a paisagem natal, o sítio dos primeiros amores, etc... São os lugares sagrados da modernidade, que guardam uma qualidade excepcional, única.

Nos nossos dias quando se trata de formular os perigos que ameaçam certo tipo de civilização fala-se do "Caos", de "desordem", das trevas onde nosso mundo se afundará. Todas essas expressões significam a abolição de uma ordem, de uma estrutura orgânica e a reimersão num estado fluido, amorfo, caótico. Isto mostra que as imagens exemplares sobrevivem ainda na linguagem do homem não-religioso. Algo da concepção religiosa do Mundo prolonga-se ainda no comportamento do homem profano, embora ele nem sempre tenha consciência dessa herança imemorial.

O **Tempo** não é para o homem religioso, nem homogêneo, nem contínuo. Há o Tempo sagrado - o tempo das festas - e o Tempo profano - a duração temporal ordinária. Entre eles existe uma solução de continuidade e é por meio dos ritos que o homem

religioso pode “passar”, sem perigo, da duração temporal ordinária para a sagrada.

O tempo sagrado é por sua própria natureza reversível no sentido em que é, um Tempo mítico primordial tornado presente. Participar religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal “ordinária” e a reintegração no Tempo mítico reatualizado pela própria festa. É um tempo ontológico: mantêm-se sempre igual a si mesmo, não muda nem se esgota. É um tempo circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente que o homem reintegra periodicamente. O homem religioso recusa-se a viver unicamente no que chamamos de “presente histórico”; esforça-se por voltar a unir-se a um tempo sagrado que, pode ser equiparado à “Eternidade”.

O homem não religioso conhece também uma descontinuidade e heterogeneidade do tempo. Convive com o tempo do trabalho e o “tempo festivo”. Experimenta ritmos variados: quando encontra a pessoa amada vive um tempo diferente do que quando trabalha. Mas seja qual for a multiplicidade dos ritmos temporais que experimente, sabe que se trata sempre de uma experiência humana, onde nenhuma presença divina se pode inserir. Para o homem religioso, ao contrário, a duração temporal profana pode ser “parada” periodicamente pela inserção por meio de ritos de um tempo sagrado, não histórico. Cabe lembrar que a festa religiosa não é a simples comemoração de um acontecimento mítico mas sim sua *reatualização*.

O tempo de origem por excelência é o Tempo da cosmogonia, o instante em que apareceu o Mundo. A cosmogonia serve de modelo exemplar a toda “criação”, a toda espécie de “fazer”, a todos os tempos sagrados. Se o tempo sagrado é aquele em que os deuses se manifestaram e criaram, é evidente que a mais completa manifestação divina é a Criação do Mundo.

Muitos rituais de cura dos povos primitivos consistem na recitação do mito cosmogônico; o que implica na reatualização do acontecimento primordial. Segue-se daí que aquele para quem se recita o mito é projetado magicamente ao começo do Mundo. Trata-se de um regresso ao começar outra vez a existência, nascer simbolicamente de novo.

Tudo o que os deuses ou antepassados fizeram no começo do tempo está conservado na história humana dos seus mitos. *O Mito* é sempre a narração de uma "criação": conta-se como alguma coisa começou a ser. A função mais importante do mito é "fixar" os modelos exemplares de todas as atividades humanas significativas: alimentação, sexualidade, trabalho, educação, etc...

Para o homem religioso a única história que interessa é a História sagrada. A memória pessoal não entra em jogo: o mito primordial é o único digno de interesse, porque é o único criador. É ao mito primordial que cabe conservar a verdadeira história, a história da condição humana; é nele que é preciso procurar e reencontrar os princípios e paradigmas de toda conduta.

Em síntese, seja qual for o contexto histórico o homo religious acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real. Crê que a vida tem uma origem sagrada e que a existência humana atualiza as suas potencialidades na medida em que é religiosa, ou seja, participa da realidade. Os deuses criaram o homem e o Mundo, os Heróis civilizadores acabaram a criação e a história de todas as obras divinas está conservada nos mitos. Reatualizando a história sagrada, imitando o comportamento divino, o homem instala-se e mantém-se junto dos deuses, quer dizer no real e no significativo.

É fácil ver tudo o que separa este modo de ser no mundo da existência de um homem a-religioso: ele nega a transcendência, aceita a relatividade da "realidade" e chega até a duvidar do sentido da existência. Acredita que o homem faz a si próprio e que o sagrado é um obstáculo à sua liberdade.

Mas o homem a-religioso descende do *homo religiosus* e, queira ou não, é também obra deste, constitui-se a partir de situações assumidas por seus antepassados. Faça o que fizer, é um herdeiro. Não pode abolir definitivamente seu passado, porque ele próprio é produto desse passado. É constituído por uma série de negações e recusas, mas continua ainda a ser assediado pelas realidades que recusou e negou.

O homem a-religioso no estado puro é um fenômeno muito raro, mesmo na mais dessacralizada das sociedades modernas. A maioria dos “sem-religião” ainda se comporta religiosamente, embora não esteja consciente do fato. Não se trata somente da massa de superstições ou dos tabus do homem moderno, que têm todos uma origem e estrutura mágico-religiosas. Ele carrega toda uma mitologia camuflada e numerosos ritualismos degradados. Os festejos que acompanham o Ano Novo ou a instalação numa casa nova, apresentam a estrutura de um ritual de renovação, por exemplo. Consta-se o mesmo fenômeno por ocasião das festas que acompanham um casamento, o nascimento de uma criança ou uma ascensão social.

Pode-se reconhecer comportamentos religiosos camuflados ou degenerados mesmo em movimentos que se proclamam anti-religiosos. Os movimentos a favor da liberdade sexual absoluta, por exemplo, são ideologias nas quais é possível decifrar os vestígios da “nostalgia do Paraíso”, quando o pecado não existia e não havia ruptura entre as beatitudes da carne e da consciência.

Mesmo técnicas modernas, como a *psicanálise*, mantêm ainda o padrão iniciático. O paciente é convidado a descer muito profundamente em si mesmo, a fazer reviver seu passado, enfrentar de novo seus traumatismos e do ponto de vista formal, esta operação assemelha-se às descidas iniciáticas aos “infernos”, (entre os espectros) e aos combates com os “monstros”. Assim como o iniciado devia sair vitoriosamente das provas, “morrer” e “ressuscitar” para alcançar uma existência plenamente responsável e aberta aos valores espirituais, o analisado deve afrontar seu próprio “inconsciente” para encontrar nisso a saúde e a integridade psíquicas, o mundo dos valores culturais.

Os conteúdos e as estruturas do inconsciente apresentam semelhanças surpreendentes com as imagens e figuras mitológicas. Não queremos dizer que as mitologias sejam “produto” do inconsciente, pois o modo de ser do mito é justamente que ele se revela como mito, ou seja, proclama que algo se manifesta de maneira exemplar. Todavia, os conteúdos e estruturas do inconsciente são o resultado de situações existenciais imemoriais, sobretudo das

situações críticas, e é por essa razão que o inconsciente apresenta uma aura religiosa.

Mas as "mitologias" privadas do homem moderno - seus sonhos, devaneios, fantasias, etc... — não conseguem alçar-se ao regime ontológico dos mitos, justamente porque não são vividas pelo homem total e não transformam essa situação particular em situação exemplar. As angústias do homem moderno, suas experiências oníricas ou imaginárias, ainda que "religiosa" do ponto de vista formal, não se integram numa concepção de mundo e não fundam um comportamento, como no homem religioso.

O inconsciente oferece-lhe soluções para as dificuldades de sua própria existência e, nesse sentido, desempenha o papel da religião, pois antes de tornar uma existência criadora de valores, a religião assegura-lhe a integridade. Quase se poderia dizer que, entre os modernos que se proclamam a-religiosos, a religião e a "mitologia" estão ocultas nas trevas de seu inconsciente - o que significa também que as possibilidades de reintegrar uma experiência religiosa da vida jazem, nesses seres, muito profundamente neles próprios.

Endereço para contato:

Marly Goulart

Rua Pará, 65 - Cj. 91 - Higienópolis

Cep. 01243-020 - São Paulo - SP

Fone: (011) 259-5870